



Celulares, perfis e a dimensão online da existência: uma etnografia sobre as experiências sexuais de jovens de uma escola pública do Recife

Tacinara Nogueira de Queiroz

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Faculdade de Ciências Humanas, Campo Grande, Brasil

<http://orcid.org/0000-0002-0217-7366>

Luís Felipe Rios

Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Recife, Brasil

<http://orcid.org/0000-0002-0767-7845>

Introdução

Este artigo reflete sobre o papel das novas tecnologias da informação e comunicação (TICs) na produção da sexualidade de jovens. Ele se constitui em um ensaio etnográfico realizado com integrantes de uma escola pública de ensino médio da cidade do Recife, estado de Pernambuco – Brasil, explorando as dimensões *online* e *offline* da existência.

Aos menos acostumados com pesquisas na *internet*, o termo *online* se refere à experiência de se estar conectado/a, participando em tempo real¹, a um ou a vários dos muitos contextos e cenários que foram criados e se expandiram com a criação do *World Wide Web (WWW)*, também chamado de ciberespaço. Essa experiência se organiza como contraponto ao que chamaremos contexto *offline*, a dimensão ordinária da existência, em que as interações face a face não são tão fortemente mediadas pelas TICs (RIOS, 2018).

É escassa a literatura brasileira que aborda a construção da sexualidade e o contexto *online* com foco nas/os jovens (ADELMAN; FANCO; PIRES, 2015; FERREIRA et al., 2020; FLACH; DESLANDES, 2017; TIRIBA, 2019). A maioria dos trabalhos que discutem sexualidade e TICs concentram o foco nas homossexualidades, especialmente na busca realizada por homens aos aplicativos e salas de bate-papo como forma de produzir encontros e prazeres, muitas vezes para guardar o anonimato (MISKOLCI, 2013; RIOS, 2018; SILVA, 2010; ZAGO, 2013).

As questões que orientam esta pesquisa surgiram de um estudo anterior realizado com crianças em uma escola pública de ensino fundamental (QUEIROZ, 2013; QUEIROZ; RIOS, 2014). Nele, chamou atenção o lugar que o celular ocupava na socialização sexual, como um meio para compartilhar arquivos sexuais, em geral de conteúdo pornográfico. A dimensão *online* fornecia os arquivos que eram compartilhados no contexto escolar². Esta pesquisa nos levou a constituir a hipótese de que o celular continuaria a ter importância nas experiências sexuais dos/as jovens.

Argumentamos neste trabalho que o *smartphone* — que se diferencia do celular comum por combinar telefonia celular e tecnologias da computação, com armazenamento interno, sistema operacional e conectividade — passa a ser um *actante*, integrante de uma rede socio-técnica formada por humanos e não humanos, com capacidade de agir uns sobre os outros, mútua e difusamente (LATOURETTE, 2000). O *smartphone* e as redes são *locus* e ferramentas para produzir e acessar um conjunto de instrumentos e de técnicas de construção de uma apresentação de si mesmos: os *perfs online*, com contornos eróticos e capazes de dinamizar as interações afetivo-sexuais.

1 Compartilhamento instantâneo de informações, acontecimentos simultâneos.

2 Os conteúdos vinham, em sua grande maioria, de sites pornôns. Eram filmes e fotos baixados em *lan houses* (lojas de serviços de acesso à *internet*) ou disponibilizados por pais, irmãos, tios e primos para celulares de meninos. Na escola mostravam no próprio celular e/ou compartilhados com os colegas (QUEIROZ, 2013).

Sobre a pesquisa

Além da teoria ator-rede (LATOUR, 2000), a pesquisa está embasada em abordagens construcionistas da sexualidade, com ênfase na roteirização como estratégia descritiva e analítica (GAGNON; SIMON, 1970; PAIVA, 2005; RIOS, 2003). Está pautada por uma perspectiva etnográfica (GEERTZ, 1989), viabilizada por meio de observação participante (BECKER, 1997; RIOS, 2012) e de rodas de conversa (QUEIROZ; FIGUEIRÊDO, 2012).

A observação participante aconteceu entre outubro de 2016 e agosto de 2017; seu objetivo era descrever os significados compartilhados sobre o uso das TICs na interface com as experiências sexuais. Acompanhamos jovens no turno da tarde de uma escola pública de ensino médio, a qual chamaremos pelo nome fictício de Instituto Paulo Freire. A escola está localizada na cidade do Recife, Brasil, e atende turmas do primeiro e segundo ano. Na época da pesquisa, possuía quatro turmas à tarde, o que equivalia a cerca de 120 estudantes. O contexto *online* envolvia aplicativos, sites e redes sociais. O ingresso nos espaços de interação *online* acontecia através do nosso celular ou computador. Os principais espaços *online* onde interagimos foram as redes sociais Facebook, Instagram e o aplicativo WhatsApp, que permite a troca de mensagens de áudio, textos e o envio de documentos, em tempo real, e chamadas de áudio e vídeo usando a conexão de *internet*.

Foram realizadas seis rodas de conversa com rapazes e seis com moças, com a participação total de 22 alunos/as, autodeclarados/as heterossexuais. A idade dos participantes variou dos 16 aos 19 anos. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Os nomes utilizados para nos referirmos aos/às participantes da pesquisa são fictícios para manter o anonimato.

Offline / smartphone / online

A entrada no contexto *online* dos/as participantes da pesquisa aconteceu depois de já estarmos inseridos no contexto *offline*, por meio do envio de convites para *amizades* nas redes sociais aos/às jovens que sentavam no pátio para conversar. Com outros/as jovens, o ingresso nas redes *online* se deu durante a realização das rodas de conversa, quando foram enviados convites para adicioná-los/as no Instagram, Facebook e/ou WhatsApp.

Nas redes, tínhamos a sensação de ampliar vertiginosamente o conhecimento sobre os/as jovens, comparando-se com aquilo que as interações no plano *offline* ofereciam para conhecê-los/as. Por meio da participação *online*, tivemos acesso às versões das experiências que eles/as mesmos/as disponibilizavam sobre os seus cotidianos para além do espaço escolar.

Portal

Embora o ponto de partida para acessar a dimensão *online* seja variado, sendo possível alcançá-la por equipamentos como computadores de mesa, *notebooks* e *tablets*, para os/as jovens do Instituto Paulo Freire, o *smartphone* assumia a centralidade no estabelecimento do contato entre as duas dimensões. Certamente por sua portabilidade, quando comparado aos pesos e tamanhos de computadores e *tablets*, facilitando o transporte junto ao corpo. Ao mesmo tempo, o *smartphone* possui um sistema operacional ágil para abrir aplicativos, redes sociais e ferramentas.

Era comum notar, nos intervalos entre as aulas, grupos de jovens sentados nas mesas do pátio ou em pé, com seus celulares nas mãos, trocando *playlists* do aplicativo Spotify (especializado em disponibilizar músicas) e comentando sobre postagens no Facebook, Instagram ou WhatsApp. Em um dos momentos de observação, no intervalo entre aulas, duas estudantes estavam sentadas numa das mesas do pátio. Elas colocaram o celular no centro da mesa e passaram a conversar sobre as trocas de mensagens - que aconteceram via WhatsApp e Instagram - de uma delas com um *crush*³. Ela também mostrou à amiga alguns dos meninos que poderiam ser interessantes, os quais já tinham *curtido*⁴ alguma foto dela ou para quem ela havia enviado *convites de amizade* recentemente. A amiga, pondo-se ao lado para melhor visualizar o celular, olhava atenciosamente para as fotos, comentando sobre os traços de beleza dos rapazes.

Assim, o celular pode, num primeiro momento, ser pensado como portal ou caminho. Ele traz os conteúdos *online* para o contexto *offline*, como no exemplo das meninas debatendo a respeito dos *crushes*. Ele também leva marcas do contexto *offline* para o *online*, quando os/as estudantes tiram fotos de situações cotidianas e, instantaneamente, compartilham em seus *perfis* no Facebook ou Instagram.

Uploads e a formação dos perfis

Um *perfil* é a inscrição de uma pessoa em uma rede social *online*. Lá vão constar os seus dados de identificação e outras informações que só ela pode adicionar ou alterar. Por meio dele, as interações *online* com outras pessoas acontecem, mediadas pelo *upload* de fotos, vídeos e textos. Nessas, os demais participantes podem expressar concordância ou discordância e ainda comentar.

No que se refere ao contexto *offline* da escola, as fotos usualmente são feitas em intervalos de aula e produzem uma sensação de participação, em tempo real, nas duas dimensões existenciais. A disponibilização de conteúdos *online* é chamada de *posts* ou *postagens*. Quando esses *posts* se referem à própria pessoa ou ao entorno interacional *offline*, eles são, em geral, objeto de cuidadosa manipulação. Ainda que sejam concebidos como instantâneos de suas realidades, nas mais variadas maneiras de ser, de estar e de se sentir, mais do que revelarem quem é quem, apontam para o modo sobre como as pessoas querem ser vistas no mundo *online*.

No caso do Facebook, as publicações sobre o dia a dia e os elementos de que gostam no *feed* de notícias ou mural podem ser interpretadas como a construção de uma imagem de si. Não queremos com isso dizer que as fotos e narrativas utilizadas para tal composição são mentirosas. No plano *online*, existe um termo específico para isso: são os *perfis fakes*, em que são modificadas características da pessoa de modo a não permitir o seu reconhecimento. O que queremos sublinhar é como as imagens em um *perfil* nas redes sociais na *internet*, como em qualquer jogo de posicionamento *offline*, apresentam faces do si mesmo no jogo identitário (HALL, 2000).

3 Pessoas atraentes.

4 Demonstrar, por meio de ferramentas das redes sociais da *internet*, que gostou do conteúdo disponibilizado.

Corpo

O aparelho *smartphone* foi avaliado como de suma importância para os/as nossos/as interlocutores/as; significado como uma verdadeira extensão corporal. Brenda (17 anos) é taxativa: “O celular é tão importante que acaba fazendo parte da vida da gente. Mensagem no WhatsApp, dorme com ele perto da cama, tá ligado?”.

Tami (17 anos) completa: “Até no banheiro eu tô com ele. Praticamente tem uma cola na mão. Eu só não mexo no celular quando eu tô na escola, porque não trago. Eu durmo escutando música, em ligação...”. Os/as jovens assinalaram a sensação de perda ou falta de alguma dimensão importante de suas existências quando ficam impossibilitados/as de o utilizarem, como pode ser observado nos dois excertos a seguir:

Rapaz, quando tira o celular a pessoa fica sem ter o que fazer (John, 16 anos).

É, fica sem graça, tudo perde a graça. É como se ficasse faltando alguma coisa. Quer sair, vai tirar uma foto. Tira como? Quer ver um filme, um programa de televisão. Você fica: “oxe, quero ver televisão.” Nada. Fica querendo... fica todo agoniado (Lucas, 16 anos).

Essa necessidade do celular é percebida pelos pais e mães dos/as jovens, que utilizam o impedimento de uso como uma forma de castigo: “Não consigo passar um dia sem celular, a não ser quando a mãe põe de castigo, tira o celular por uma semana. Aí ela deixa o celular dela fácil, entro, olho o Face...” (Tami, 17 anos).

Interações

Comentado sobre o celular como necessário para as interações pessoais na contemporaneidade, Carol (17 anos) adverte:

É um item que não pode faltar, porque estamos numa época mais tecnológica. [...] É raro falar mais por ligação, a não ser algo mais urgente. Mas se não for WhatsApp, Instagram todo mundo tem hoje. Aí fica mais fácil (Carol, 17 anos).

Se essa tecnologia aparece nos relatos como uma ferramenta profundamente integrada ao corpo, também há menção ao seu duplo e contraditório papel nas interações. Há opiniões sobre como o celular aproxima pessoas, mas também há, muitas vezes emitidas pela mesma pessoa, aquelas que sublinham como ele produz afastamento.

Luiz (18 anos) menciona a oportunidade de lazer e de aproximação entre amigos que moram muito distantes: “Hoje conversa com todo mundo onde ela estiver [...]. Não mata a saudade de ir ali e beber uma (cerveja) não, mas dá para diminuir.” Carol e Raíssa (17 anos) admitem que, às vezes, é difícil dar exclusividade às interações *offline* em detrimento das *online*: “Costume nosso ficar com o celular na mão. Ficar mexendo no celular com alguém que esteja *on*” (Carol, 17 anos).

Victor (16 anos) sublinha como, dada a fixação nos conteúdos disponibilizados *online*, as pessoas perdem oportunidades interacionais *offline*:

Uma vez eu fui para praia, aí tava todo mundo com celular, mexendo, tirando foto para postar no Face, no Instagram... Aí eu tava com a bola. Aí peguei a bola e chamei dois que estavam lá passando. O pessoal ficou lá no celular, nem se deram conta que eu saí. Estava com a bola e saí dali e fiquei com a bola, de tanto que estavam mexendo no celular (Victor, 16 anos).

Carlos (17 anos) lembra do tempo quando não havia acesso às redes sociais *online* pelo celular; quando o equipamento era utilizado para articular as pessoas para um encontro *offline*. Comparando com as interações atuais, aponta para uma dificuldade de concretizar os encontros articulados pelo WhatsApp. Ele relaciona a preferência por interações *online* ao comodismo e preguiça.

Antigamente, marcava o quê? Vamos fazer uma festa na casa de um amigo ou no lugar. Só fazia ligar. [...] “E aí, tu vai? “Vou”. “Liga aí para fulaninho que eu vou ligar para outro fulaninho.” Aí marcamos no devido lugar, para fazer uma roda. Tipo, a gente podia fazer um luau. Vamos beber, conversar isso aqui, curtir. Hoje em dia, não. Hoje em dia, temos grupos no WhatsApp. O povo fica em casa jogado, preguiçoso, não quer sair mais. Sai uma vez perdida (Carlos, 17 anos).

Dinâmica da rede sociotécnica: humanos/não humanos

Como já aludimos, a rede sociotécnica em estudo envolve os humanos (focamos em um grupo de jovens), o *smartphone* e as redes sociais *online* das quais os/as jovens participam. Todos esses *actantes*, na pluralidade que os constituem, estão em constantes mudanças, incorporando as criações, atendendo e produzindo desejos de seus coparticipantes.

Eu acho que quase tudo no celular mudou. Você não sabia nem o que era giga. Você só usava para jogar. Eu lembro, eu comprei no Shopping Guararapes. Eu subi no ônibus e aí liguei o celular e já fui baixando jogo. Minha mãe reclamando comigo. Mas agora já é ligar. Pode tirar foto! Muita coisa mudou mesmo. Até nossa mentalidade com os próprios aparelhos. Tipo, que quando você ganha, você é criança, assim, você quer saber se dá para aquele jogo, você quer baixar aquele jogo. Fazer essas coisas só por diversão. Mas, agora, com a mentalidade mais evoluída, a gente já pensa nas coisas. Até trabalho. Conta no banco pelo celular. Você já usa para outras coisas. Vai melhorando câmera, vai melhorando voz, chamada de vídeo. Antes era por diversão, agora a pessoa leva como se fosse a vida. Tem gente que fica sem celular, fica doente e tal. A empresa quer contatar você, a pessoa tá lá, no celular (George, 16 anos).

O relato de George (16 anos) apresenta duas dimensões históricas. Considerando sua própria história, ele mostra como da infância à juventude ele foi ampliando as possibilidades de uso do objeto que, para ele, nunca foi exclusivamente um mero telefone. Sempre possuiu uma dimensão lúdica muito importante, inicialmente figurada nos jogos que o aparelho disponibiliza. Com o passar dos anos, já em função das demandas que a juventude começa a trazer, a relevância que o aparelho assume no mundo do trabalho. A segunda dimensão, da qual talvez ele nem tenha consciência, é que todas essas possibilidades vão se constituindo quase que ao mesmo tempo em que ele vai galgando as idades, uma vez que são muito recentes.

Sobre as mudanças, é importante considerar as constantes incorporações de novas tecnologias nos *smartphones* em função dos usos e desejos das pessoas, como é o caso do aumento de número e capacidade de câmeras nos aparelhos, o que pode ser correlacionado à importância da produção de fotos e vídeos para a constituição de *perfis* e outros fins informacionais e comunicacionais no ciberespaço. Na mesma linha, há a produção de aplicativos com as mais variadas funcionalidades, muitos deles também voltados para a produção das imagens a serem *postadas*.

Os jogos, que são importantes espaços de interação *online* e articuladores de *afinidades* entre jovens, também têm sua produção em diálogo com o que está acontecendo na vida social mais ampla, incorporando temas de filmes, séries, mangás e outras produções culturais de várias redes sociotécnicas presentes na sociedade.

Em relação às mudanças nas redes sociais *online* e em *aplicativos* de troca de mensagem, como o WhatsApp, são muitos os exemplos de mudanças que ocorrem, antenadas aos criativos usos das ferramentas disponíveis pelos participantes e aos avanços nos equipamentos. Vamos exemplificar com a criação de uma ferramenta muito importante na dinâmica sexual que passaremos a descrever no próximo tópico. São os *emojis*, as *carinhas* que expressam emoções nas trocas de mensagens, que surgiram a partir de sinais gráficos criados com uso da pontuação, como :(para tristeza; e :) para felicidade. Em um momento inicial de autoria desconhecida, hoje são graficamente muito bem elaborados, plurais e autorais. Em alguns contextos *online*, coleções de *emojis* são lançadas de tempos em tempos. Os gestores do Facebook, por exemplo, selecionaram algumas delas para realizar a interanimação da rede, possibilitando a qualificação emocional das *curtidas*, por meio de imagens que expressam gostar, amar, surpreender, fazer rir, entristecer e odiar.

A sexualidade online

Apresentada a dinâmica mais ampla da rede sociotécnica em tela, podemos passar para a descrição sobre como a sexualidade é produzida e vivida *online*. Questionados sobre os assuntos mais frequentes nas conversas e postagens *online*, George (16 anos) é categórico: “Mulher, futebol ou sair⁵. Se tá namorando compartilham: ‘E aí, fizeste o que?’; ‘Isso aqui’; ‘Poxa, a minha já faz um ano já’; ‘Eita, que pena’. Se tá solteiro: ‘Pegasse quem?’; ‘Ficasse com quem?’; ‘Pegasse quantas?’”.

Os comentários sobre o *crush*, que mobilizaram as garotas ao redor de um celular na observação que realizamos no pátio da escola, não é um incidente fortuito. As temáticas dos apaixonamentos, interesses afetivo-sexuais, *peguetes* e *ficantes offline* são recorrentes entre os/as participantes da pesquisa. De certa forma, as interações observadas e narradas sobre o amplo universo afetivo-sexual colocam em perspectiva a ideia de que as interações *online* distanciam as pessoas das interações *offline*. Como aponta George, expor as interações sexuais *offline* é uma constante e mobiliza as atenções dos *amigos* das redes *online*.

Para avançarmos na análise, precisamos abordar quatro aspectos que ocorrem interligados, mas que serão descritos separadamente para facilitar a compreensão: a inserção de pessoas nas redes sociais de modo a se tornarem *amigos/as*; as modalidades de relacionamento *online* (com ou sem enraizamento *offline*); a exigência da expressão de parcerias *online*; a eroticidade expressa na imagem de si e modulada em função das *curtidas*. Aspectos que são articulados em roteiros de eroticidade *online*, objeto do último tópico dessa parte.

5 Pudemos observar que esta categoria se refere a encontrar com *amigos/as* para compartilhar bebidas alcoólicas.

Tornar-se amigo/a

Tenho três amigos de São Paulo, um de Fortaleza e um que morava em São Paulo, só que se mudou pra cá, lá em Igarassu. Ainda não consegui ver ele. E, tipo, são amizades que já duram quatro anos. É uma vida! E isso começou através de um joguinho via celular. E aí eu fui conversando. [...] Aí, a gente pegava o contato um do outro. Começava a conversar pelo privado. E, nisso, eu tinha uma quantidade enorme de amigos, pelo fato do jogo... E eu era amiga de todo mundo. Bania o povo que eu não gostava, fazia uma festa lá dentro. E, tipo, hoje em dia eles conversam comigo, dizem ‘eu tô com saudades’, sem eles terem me visto. É uma amizade legal, que eu sinto que é verdadeira (Tami, 17 anos).

Na dimensão *online* a busca por *seguidores/as* ou *amigos/as* é incentivada pela ampliação das possibilidades de interação. O próprio número de *amigos/as* vai ser um dos elementos para compor e positivar a imagem de si apresentada no *perfil*. No entanto, é importante esclarecer que tornar-se *amigo/a* de alguém pode ou não gerar maior proximidade ou diálogo.

O sentido de amizade no plano das redes sociais *online* é diferente do sentido no plano *offline*. Neste último caso, tem a ver com uma vinculação mais intensa, marcada por emoções que remetem à cumplicidade e à solidariedade, reforçada por confidências e trocas de experiências íntimas (MIRANDA, 2018). Em relação à dimensão *online*, há a idealização de que aquelas pessoas que são adicionadas aos *perfis* construam esse tipo de vinculação. No entanto, o que se chama de *amigo/a* tem a ver, em princípio, com as pessoas que participam da rede social de alguém.

Ainda assim, é importante destacar que a categoria *amigo/a* é bem mais utilizada pelos/as jovens do que a categoria *seguidor/a*, apesar desta ser mais utilizada na mídia para se referir a participantes das redes sociais na *internet* de pessoas famosas. Na nossa interpretação, a preferência de uso remete à expectativa de um estreitamento de vínculos entre aqueles/as que ingressam nos *perfis*, ainda que, como mostramos, o sentido de *amigo/a virtual* não contemple tudo aquilo que é esperado de um/a *amigo/a real*.⁶

Há vários caminhos para se tornar *amigo/a* de alguém. Já falamos de uma das formas, que é, a partir do contato *offline*, ser adicionado/a em uma rede por meio de um convite. Mas existem outras formas. No caso do Facebook e Instagram, os/as jovens passeiam pelos *perfis* de *amigos/as* e de *amigos/as* de *amigos/as*. Percebendo alguma *atração erótica* ou *afinidade*, passam a *curtir* postagens e podem solicitar *amizade* por meio de convites. As próprias redes possuem ferramentas que selecionam pessoas e as oferecem como possibilidade de formar amizade. Essas interações podem ser por mensagens *no privado* (*inbox*), na ferramenta Messenger do próprio Facebook. Também é possível conhecer pessoas em aplicativos de jogos, como aponta Tami (17 anos) no fragmento da roda de conversa que abre este tópico.

No caso do Whatsapp, o acesso se dá pela inclusão do número do celular. Mas também é muito comum a formação de grupos em que muitas pessoas desconhecidas são adicionadas e passam a receber postagens e/ou a interagir por meio de mensagens escritas, de áudio ou imagens. “A maioria das minhas amizades foram pelos grupos de WhatsApp. Tipo, um amigo coloca num grupo, aí eu acabo fazendo um monte de amizade” (Ju, 16 anos).

6 Embora as categorias êmicas *virtual* e *real* sejam bastante utilizadas, preferimos usar os termos *online* e *offline* para acentuar que as duas dimensões possuem efeitos concretos na vida das pessoas.

Os relatos dos/as jovens sobre as interações apontam que as imagens do *perfil* são importantes para decidir convidar ou aceitar alguém como *amigo/a*. No entanto, para que a relação se estreite, é preciso identificar ou produzir afinidades.

Minhas amigas são por causa de séries. Eu sou muito viciada em séries. Aí a maioria é pelo Facebook mesmo. Quando publico alguma coisa, aí vão lá e comentam. Aí manda no privado. No Instagram também. Aí as pessoas vêm, vão e me chamam. Vão no direct, aí conversa... Aí vai fluindo a conversa aí dá o WhatsApp. Aí vai pro WhatsApp... Aí passa a vida toda conversando (Ellen, 16 anos).

Os/as jovens relatam que, ao descobrirem afinidades, as pessoas passam a conversar em uma temporalidade, em geral qualificada como superior à estabelecida *offline*. ‘Se uma pessoa começar a falar comigo (pra interagir nas redes) sobre séries, entra no poço sem fundo’ (Raissa, 17 anos). ‘É... (risos) se uma pessoa começa a falar sobre música, rap, Charlie Brown entra num poço sem fundo...’ (Tami, 17 anos).

Um assunto que rendeu muita discussão nas rodas de conversa foi sobre quais as estratégias utilizadas para se aproximar de alguém que se quer ter como *amigo/a* ou como fazer *o/a crush* conversar. O próximo relato mostra exatamente isso:

Se o crush tá afim, eu estudo na mesma escola que essa pessoa, mas não tenho coragem de ir falar, aí você faz [através das redes online]: ‘Oi, boa noite’. Aí: ‘Oi, boa noite, durma bem’. Daí vai surgindo, aí surgem aquelas brincadeiras do WhatsApp: ‘Ficaria comigo?’ Num tem? [...] (Tereza, 17 anos).

O interessante é que nem sempre as interações *online* repercutem de modo semelhante na cena *offline*, conforme expõe o relato a seguir:

Eu tenho um amigo que falo muito, muito com ele. Passo o dia todinho falando com ele no WhatsApp. Nisso o dia todinho, o dia todo. Só quando eu não estou na escola. Aí, quando a gente se viu, a gente não se falou (Tami, 17 anos).

Para os/as jovens, a alteração dos espaços *online* (por exemplo, interações iniciadas pelo Messenger do Facebook para o WhatsApp) tendem a *morgar*⁷ a conversa: ‘Eu odeio quando alguém me pede o [número do] WhatsApp. [...] Porque perde o assunto e muda o foco’ (Carol, 17 anos).

O tempo de resposta na interação causa muita polêmica. Quando a pessoa demora muito dar a resposta, ou não dá, é um sinal de desinteresse – eles/as chamam isso de *deixar no vácuo*. Existem outras estratégias para sair da interação ou demonstrar a falta de interesse: ‘Mas quando o pirraia⁸ tem interesse, você não tem, aí você fica lá tapiando’, ‘olha, já viste isso aqui?’ Fica querendo cortar assunto... Aí fica falando de outra coisa, outra coisa, até cansar’ (Carol, 17 anos).

7 Diminuição do interesse.

8 Garoto.

9 Enrolar, divagar, fugir do assunto/situação.

Mais alguns personagens

No entanto, o que precisa ser sublinhado é que as aproximações estão cheias de segundas intenções, expressas na ideia de *crush*. O/a *crush* é alguém que, por seu tipo físico e também seus gostos e estilo de vida, provoca uma *quedinha*, uma vontade de conhecer mais.

Muitos/as dos/as participantes das rodas de conversa afirmaram que tinham ou já tiveram *crushes online*. Uma mesma pessoa pode ter vários/as *crushes* ao mesmo tempo – o que usualmente acontece. Do mesmo modo, a maioria dos/as jovens já teve ou tinha, à época da pesquisa, um namoro a distância, mediado pelas redes, mas alguns com encontros *offline* com alguma periodicidade.

Outro personagem dos roteiros sexuais é o/a *ficante* e diz respeito a quando um/a *crush*, *amigo/a* ou *desconhecido/a* se engaja numa brincadeira erótica fortuita, numa forma de parceria que não pode ser qualificada como fixa (*namoro*) e vai além do interesse (*crush*).

Com *namorados/as* e *ficantes online* é muito comum a constituição de narrativas/imaginativas de cenas sexuais, incrementadas com o envio de *nudes*: fotos ou vídeos do corpo ou de partes dele/nu, como pode ser visto na sequência:

As pessoas que eu faço isso (mandar *nudes*), já conheço há tempo, já. Agora só faço com minha namorada. Mas, anteriormente, umas amigas vinham conversar comigo, da minha rua mesmo. Aí tu: ‘mostra tu primeiro’. Aí, ela mostrava, aí eu mostrava. [...] Minha mãe tinha computador, aí saía para trabalhar. Aí eu ligava a webcam no MSN com minha amiga (Rodrigo, 19 anos).

O interesse pelos *nudes* é tão grande que chega a motivar a criação de grupos no WhatsApp:

Eu recebo e mando. Teve um grupo, menos de um mês, dois meses. Me botaram num grupo lá, que o nome era ‘só *nudes*’. Aí, as meninas de São Paulo mandavam. O ruim era que tinha muito homem, só aparecia gebrá [faz gesto referindo a pênis grande]. Era negão, branco, chinês. Nesse grupo eu não mandei (*nudes*), tanta gebrá, eu saí do grupo, não baixei¹⁰. Quando eu sabia que era menina eu baixava na galeria do celular. Eram cinquenta gebras para um periquito, aí saí (Luiz, 18 anos).

Os meninos disseram receber mais *nudes* do que enviá-los. As meninas pouco relataram o envio de *nudes*. Em ambos os grupos, mais entre as meninas que entre os meninos, há uma resistência em falar em primeira pessoa a respeito. Lembremos que nossa coleta se deu em situação de grupo, em que a moral sexual tende a calar as pessoas sobre assuntos que possam degenerar suas imagens. Neste caso, a dupla moral sexual e a valorização da virilidade por meio do colecionar e expor as experiências sexuais desde muito cedo, pode ter facilitado as falas dos rapazes.

Outra personagem sexual, infelizmente muito comum nas experiências *online* das garotas, é a do assediador. Homens que enviam convites e mensagens pelo Facebook, na maior parte, sem nenhuma relação com as redes de amizade *online* ou *offline*, como traz o próximo relato:

¹⁰ Referindo-se à possibilidade de baixar o conteúdo para o celular.

Um rapaz veio falar comigo e perguntou se eu era book rosa. [...] Só que eu não sabia, né? [...] Sabe o que é book? Que fazem trabalhos [...] como se fossem acompanhantes de empresários. Essas coisas, assim. Book rosa é pra disfarçar. É como se fosse um ensaio de fotos pra família, mas ela sabe que ela tá se prostituindo. Eu não sabia disso, não. ‘Você quer me acompanhar?’, ‘Você quer?’, ‘Você quer ser acompanhante universitária?’. Aí eu disse: ‘É?’. Aí ele disse: ‘É’. ‘Eu vou te pagar e você vai me acompanhar’. Aí eu peguei e falei pra meu amigo: ‘Um cara veio me pagar pra eu acompanhar ele na universidade’. Aí: ‘É?’. ‘É’. (Ele:) ‘Oxe, eu quero também’. Eu disse: ‘Book rosa’. Ele: ‘É prostituta. Ele te chamou de prostituta. Só isso...’. Eu peguei e bloqueei ele. Hoje em dia tá demais (Carol, 17 anos).

A facilidade de acessar os *perfs*, os quais estão repletos de fotos e informações das jovens, e a possibilidade de iniciar uma conversa *inbox*, longe dos olhares dos outros integrantes da rede, garante certo anonimato ao agressor (que, inclusive, pode usar *perfil fake*), amplificando aquilo que as mulheres cotidianamente vivem *offline*, numa cultura marcada pela opressão e violência (SAFFIOTI, 1994).

Demonstração de vínculos e ciúmes

Mas, nem só de conversas, afinidades e sexo vive o namoro. Como pontuado por Mauss (1980), não basta experimentar, é preciso expressar publicamente os sentimentos. Assim, as vinculações amorosas dos/as jovens precisam ser explicitadas *online*. O excerto a seguir vai ao encontro dessa constatação:

Com a namorada tem que postar foto no Instagram. Expor o relacionamento na rede social. É expor. No momento que eu pego uma foto com a namorada e tem público – tenho mil seguidores – é expor! No Stories [ferramenta do Instagram], tipo, vou ao cinema, aí posto lá a foto que fica 24h. Da parte da namorada tipo, tem foto ela me marca, marca no comentário. [...] Gosto, porque, às vezes, se ela posta foto com um menino, eu já conheço o menino, eu fico meio assim... (Carlos, 17 anos).

Não obstante, como sugere a fala de Carlos (17 anos), não são apenas os/as namorados/as que, muitas vezes, figuram nas *postagens*. E o surgimento de coadjuvantes nas fotos levanta suspeitas sobre *crushes* e *ficantes*. De fato, os mal-entendidos oriundos das *postagens online*, ciúmes e traições foram objeto de acalorada discussão nas rodas de conversa.

Os garotos deram destaque à carência de contato físico *offline*, quando se está num namoro *online*, especialmente quando os parceiros residem distantes, o que poderia levar à traição. Também discutiram as muitas modalidades de traição: de cortejar alguém na *internet* até as vias de fato, *offline*, seja o encontro para conversar e se conhecer, seja no *sexo real*. No grupo das jovens, a discussão, mais do que envolver seus próprios desejos e possibilidades de traírem, como abordado pelos rapazes, voltou-se para questionar se seus *namorados* as traem e se os rapazes seriam vulneráveis à traição no meio *online*.

Ainda sobre demonstrações de afetos, desejos e traições, toda atenção é pouca para as *curtidas*. Carlos (17 anos) apresenta para o grupo o caso de seu cunhado, que teve as fotos do *perfil curtidas* por outra mulher que não a ex-namorada, o que levou ao fim do relacionamento. Por sua vez, Luiz (18 anos) explica como identificar a existência de uma paquera na dimensão *online*:

Aí tem aquele amei [referência às formas de comentários que a rede oferece], ela reagiu. Tem aquele uau. Qualquer reação é algum sinal. Se o homem for curtir [ferramenta do Facebook] a mulher, tem alguma coisa! A mulher também! 90% de sim e 10% de não (Luiz, 18 anos).

As *curtidas*, em suas muitas modalidades emocionais, são o principal modo de se posicionar frente às *postagens* que vão compor o *perfil* de alguém. Quando o assunto é eroticidade *online*, assumem um lugar-chave nos flertes, e, portanto, na demonstração e descoberta da infidelidade.

Imagem de si, eroticidade e curtidas

Como já aludimos, na nossa interpretação, no contexto *online* o *perfil* é uma expressão pública do si mesmo. Uma apresentação, mais ou menos intencional, que uma pessoa produz com *postagens* na rede de relacionamentos *online*.

Durante as rodas de conversa os/as jovens trouxeram a relação *postar* versus *curtir*. Comentam sobre aquelas *postagens* que trouxeram mais *curtidas* ou sobre as *brincadeiras* que fazem nas redes, aguardando as pessoas *curtirem* ou *comentarem* suas publicações, como mostra o relato a seguir:

Postei para chegar em 100 curtidas e 150 comentários. Daí vou pintar o cabelo de platinado. Pensei que não ia dar certo. Aí teve pessoas que eu nem conheço [...]. Foi no Face e curtii. [...] Eu vejo a pessoa na rua, [...] mal fala comigo [...]. Mas me acompanha e curtii! Aí eu pensei que não ia chegar, não. Foi mais uma brincadeira. Vamos dizer aqui, um desafio. [...] E chegou. Porque eu fiz a mesma coisa ano passado pra ver, aí não chegou (Paulo, 18 anos).

O que a narrativa de Paulo nos revela é o trabalho empreendido para o alcance das *curtidas*. Observando os *mosaicos* de fotos do Facebook (recurso de visualizar conjuntamente um grupo de fotos *postadas* no *perfil*), percebemos que, usualmente, as imagens mais *curtidas* são aquelas em que o celular está posicionado com a câmera virada para o/a próprio/a fotógrafo/a.

A popularidade desse tipo de foto é tamanha que, na atualidade, a maioria dos aparelhos celulares têm câmeras dos dois lados, permitindo que a pessoa se veja enquanto ela mesma se fotografa. Nessa modalidade fotográfica a cena principal é a face do sujeito, ou seu corpo inteiro. Esse tipo de foto, em que o/a fotógrafo/a aparece na imagem, é denominada *selfie*¹¹.

São justamente essas modalidades de fotos as mais curtidas. Em especial, aquelas que a pessoa aparece sozinha, produzida por meio de roupas, acessórios e maquiagens, exibindo algum tipo de bem difícil de ser alcançado (*ostentação*), sinalizando a beleza e a sensualidade dos padrões sociais hegemônicos. Fotos em viagens, com parceiro/a amoroso/a ou em grupos de amigos/as também são muito valorizadas.

11 Vale mencionar que nos *perfis* dos sites e aplicativos de busca de parceiros voltados para homens com práticas homossexuais, o mais comum são fotos de partes sexualizadas do corpo, em geral nuas. Isso objetiva produzir desejo e também sinalizar a preferência sexual dos donos dos perfis (ativo, passivo ou versátil). Evitar fotos de rosto seria uma forma de guardar o anonimato (RIOS, 2018; ZAGO, 2013).

Essa produção pública do si mesmo, cuja *selfie* seria a principal expressão, mas que incluem também *posts* verbais e os compartilhamentos de imagens de terceiros/as, os quais acenam para os gostos pessoais de quem está *postando*, remetem para erotização com fins de produzir desejabilidade. As *curtidas* demonstram se a intenção surtiu efeito.

Assim, a produção do *perfil*/si mesmo, por meio de instantâneos feitos pelo celular e manipulados intencionalmente pelos indivíduos, torna-se fruto e motor das interações (*curtidas*, *comentários* e *compartilhamentos*). Produzem e dinamizam a instigante vida *online*, povoada por *crushes*, paqueras, ciúmes, transas e traições que vão compor os roteiros da eroticidade no ciberespaço.

Roteiros da eroticidade

Na direção de aprofundar nossas análises e em diálogo com Rios (2003), podemos dizer que vimos a atualização no ambiente *online* de roteiros de eroticidade que também organizam a vida sexual mais amplamente, na dimensão *offline*. Com base em etnografia realizada nos espaços de homosociabilidade do Rio de Janeiro, o autor supracitado apresenta:

[...] quatro ordens que se entrecruzam na organização das práticas [eróticas]. Essas ordens, ainda que muitas vezes constituam no espaço social coletivo lugares específicos para as suas realizações, em verdade devem ser pensadas mais como operadores que orientam as práticas. [...] as práticas sexuais estarão, em maior ou menor grau, atravessadas pelas quatro ordens, ainda que [...] uma ou outra preva- leça (RIOS, 2003, p. 227-228).

Embora use de termos êmicos, próprios à homosociabilidade fluminense, o autor mostra como as quatro ordens roteirizadas também vão organizar, por exemplo, as experiências heterossexuais.

A partir desse quadro analítico, podemos compreender as *curtidas* e *comentários* nos *per- fis online* como da ordem da *azaração*, que no plano *offline* se expressa em trocas de olhares. Também pudemos notar que a passagem da *azaração online* para a ocorrência de diálogos pro- priamente sexuais, troca de *nudes* e/ou videochamadas, muitas vezes exige a conversa e pro- dução de alguma *afinidade*, o que é característico da ordem do *relacionamento*. Este termo, como destaca Rios (2003), não deve ser compreendido como vínculo afetivo (namoro, caso, casamento...), embora seja apenas a partir da realização de práticas classificadas nessa ordem erótica (cantadas e conversas, por exemplo) que as vinculações amorosas podem ocorrer.

No âmbito *online* dos/as nossos/as interlocutores/as, as duas outras ordens identificadas por Rios (2003), *sarração* (grosso modo, a produção de prazer sexual por meio do friccionar dos corpos – vestidos ou não) e *baco* (simplificando: o sexo penetrativo) se esfumam, dando pas- sagem à troca de narrativas e imagens picantes, e à concomitante automanipulação dos órgãos sexuais em busca do gozo. É o que se tem chamado *sexo virtual* ou *online*. Esta ordem possui certa autonomia das ordens *azaração* e *relacionamento*, como demonstra a narrativa de Luiz (18 anos), que foi *adicionado* a um grupo de *nudes* e passou a receber imagens e vídeos capazes de fazê-lo *gozar*, sem a necessidade das *curtidas* da *azaração online* ou da discursividade verbal, que caracteriza a ordem *relacionamento*.

Como sinalizam os relatos das rodas de conversa, a emergência desse “novo” roteiro, o do *sexo online*, não anula a presença da *sarração* e do *baco* como ordens eróticas organizadoras das interações sexuais no ciberespaço. Se elas não têm a chance de ocorrer, dada a ausência física

dos corpos para interações de fricção e/ou penetração nas cenas sexuais *online*, ainda assim permanecem fortemente atuantes. São práticas sexuais articuladas por essas ordens eróticas, experienciadas corporal ou imagetivamente, que alimentam os enredos dos diálogos sexuais *online*. Nessa linha, podemos pensar que são os ensaios internos (GAGNON; SIMON, 1970) de *sarração* e *baco* que, muitas vezes, animam a vontade de traição dos rapazes e as desconfianças e ciúmes das garotas.

Vale ainda dizer que colocamos aspas no termo “novo”, porque, antes mesmo da invenção dos primeiros celulares e da WWW, cartas, bilhetes, fotos, desenhos, telefonemas, anúncios em revistas, entre outros meios de comunicação funcionaram (e ainda funcionam) como importantes animadoras de flertes, namoros e casamentos, produzindo desejos e prazeres eróticos, em interações sexuais a distância. Essa seria uma quinta ordem de roteiros não exclusiva ao ciberespaço, pouco explorada na literatura, que a nossa pesquisa *online* permitiu se expressar. Talvez a principal diferença de sua realização, em relação aos antigos meios, seja a possibilidade das interações acontecerem em tempo real.

Considerações finais

Diferentemente dos estudos que tratam da homosociabilidade entre homens na *internet* (MISKOLCI, 2013; RIOS, 2018; ZAGO, 2013), foi pouca a presença discursiva dos aplicativos de busca de parceiros entre os/as jovens do nosso estudo. Na nossa interpretação, no caso dos/as jovens participantes da pesquisa, autoidentificados como heterossexuais, não haveria a necessidade de buscar alternativas mais “discretas” (RIOS et al., 2018) para experienciar a sexualidade.

Pelo contrário, a apresentação dos *perfs*, com *mosaicos* de fotos em que os rostos têm a centralidade, é condição para se oferecerem como *crushes*, provocadores/as do desejo alheio. Não obstante, a pouca exploração dos aplicativos de busca de parceiros/as nas rodas de conversa pode ser um efeito do próprio instrumento de coleta de dados utilizado, que muitas vezes inibe a emergência de conteúdos que podem ser estigmatizados pelo grupo. Aspectos relativos à dimensão intrapsíquica da relação entre a existência *online* e *offline* na vivência sexual de jovens são questões que podem ser analisadas com maiores minúcias em trabalhos futuros, por exemplo, a partir da realização de entrevistas em profundidade.

Diferente de outros estudos, o ambiente *online* não foi, no nosso caso, tomado apenas como o espaço de acesso a dados tornados públicos no ciberespaço (PILÃO, 2019; PISCITELLI, 2005; SAMPAIO; MEDRADO; MENEZES, 2020; SILVA; PAIVA, COSTA, 2017; WAHBA; SIMÃO, 2020) ou o *locus* de entrevistas (SILVA, 2010) e/ou de realização das sexualidades (MISKOLCI, 2013; RIOS, 2018; ZAGO, 2013). Além de observar os/as participantes *online* e *offline*, como nos estudos de Vencato (2015) e Rios (2018), buscamos discutir os efeitos dos vários *actantes* para as experiências sexuais.

As cenas (GAGNON; SIMON, 1970; PAIVA, 2005) narradas pelos/as jovens nas rodas de conversa permitiram reconstruir roteiros de eroticidade (RIOS, 2003) próprios do universo *online*. Tivemos contatos com os múltiplos apaixonamentos na figura dos/as *crushes*, grande mobilizadora para a ampliação das amizades no ciberespaço. Pudemos compreender como se dá o *namoro online*, que parece amplificar a desconfiança das mulheres em relação à dupla moral sexual, que libera e impulsiona os homens para a infidelidade, assunto recorrente em etnografias sobre a sexualidade feminina (PIZZATO, 2010; RIOS; QUADROS, 2019; VIEIRA, 2013). Ainda na linha de como o sistema de sexo-gênero organiza as interações, identificamos a figura do assediador sexual, que inescrupulosamente povoa o *inbox* das garotas no Facebook.

Mostramos que a maior parte das cenas de paquera se passa nos espaços compartilhados do Facebook e Instagram. Os *perfis* funcionam como uma espécie de lugar em que é preciso se *produzir* para a inscrição de si mesmos, para a apresentação aos olhares de possíveis parceiros/as. As *curtidas*, como os olhares e as piscadelas da ordem da *azaração*, são sinalizações de interesse por alguém. Mas é preciso mais do que a curtida até se chegar a *ficar* ou *namorar*. É preciso *relacionamento* (RIOS, 2003), puxar papo e manter o outro numa interação por um bom período de tempo, e os/as jovens dizem que isso ocorre quando se instala a *afinidade*.

Em alguns momentos, o *inbox* e o WhatsApp funcionam como uma mesa de canto de bar, um cantinho escuro de terraço, em que conversas íntimas são experimentadas. A depender da conversa, e embora não exista a disposição de um ou ambos para o *namoro*, ainda assim, o desejo sexual pode aumentar. A distância entre os corpos não impede que práticas sexuais da ordem da *sarração* e do *baco* sejam acionadas na memória e encantem o momento, oferecendo recursos para a constituição do que se seguirá. Assim, quando a conversa esquenta, as trocas de narrativas e imagens podem dar passagem às práticas sexuais em que as masturbações incrementam as cenas da ordem erótica do sexo a distância, experienciada de modo *online* e em tempo real.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADELMAN, M.; FRANCO, C. B.; PIRES, A. F. Ruralidades atravessadas: jovens do meio campeiro e narrativas sobre o Eu e o(s) Outro(s) nas redes sociais. **Cadernos Pagu**, n. 44, p. 141-170, jan./jun. 2015. Disponível em <http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332015000100141&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 Jul. 2022.

BECKER, H. Problemas de inferência e prova na observação participante. In: _____. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: HUCITEC, 1997. p. 47-64.

FERREIRA, A. G. N. et al. Website sobre sexualidade e prevenção de infecções sexualmente transmissíveis para adolescentes católicos. **Acta paulista de enfermagem**, v. 33, eAPE20180260, 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002020000100456&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 fev. 2021.

FLACH, R. M.; DESLANDES, S. F. Abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais: uma análise bibliográfica. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 33, n. 7, e00138516, jul. 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311x00138516>>. Acesso em: 08 fev. 2021.

GAGNON, J.; SIMON, W. (Org.). **The sexual scene**. Chicago: Transaction Books, Aldine, 1970.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

LATOUR, B. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: UNESP, 2000.

MAUSS, M. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: FIGUEIRA, S. (Org.). **Psicanálise e ciências sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 56-63.

MIRANDA, E. B. **Narrativas de amizade entre jovens: experimentações em território afetado pelo programa de aceleração do crescimento**. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

MISKOLCI, R. “Machos e Brothers”: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 301-324, abr. 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100016>>. Acesso em: 08 fev. 2021.

- PAIVA, V. Analysing sexual experiences through ‘scenes’: a framework for the evaluation of sexuality education. **Sex Education**, v. 5, n. 4, p. 345-359, 2005.
- PILÃO, A. C. Quando o amor é o problema: feminismo e poliamor em debate. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 3, e55097, set. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n355097>>. Acesso em: 08 fev. 2021.
- PISCITELLI, A. Viagens e sexo on-line: a internet na geografia do turismo sexual. **Cadernos Pagu**, n. 25, p. 281-326, dez. 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-83332005000200011>>. Acesso em: 08 fev. 2021.
- PIZZATO, F. F. **Do namoro à amizade**: as matizes das parcerias sexuais de mulheres heterossexuais de camadas médias, estabelecidas profissionalmente, residentes no Recife. 2010. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.
- QUEIROZ, T. N. **Significados de sexualidades entre crianças em uma escola municipal de Cabo de Santo Agostinho-PE**. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.
- _____. **Juventude, sexualidade e novas tecnologias de comunicação**: uma etnografia no contexto escolar em Recife-PE. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.
- QUEIROZ, T. N.; FIGUEIRÊDO, A. A. F. A utilização de rodas de conversa como metodologia que possibilita o diálogo. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10, 2012, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2012. p. 1-10
- QUEIROZ, T. N.; RIOS, L. F. “Brincando e conversando sobre safadeza”: significados e experiências sexuais de crianças e adolescentes da Região Metropolitana do Recife. In: TASSINARI, A. M. I.; ALMEIDA, J. N.; RESENDÍZ, N. R. (Org.). **Diversidade, educação e infância**: reflexões antropológicas. Florianópolis: Editora UFSC, 2014. p. 133-159.
- RIOS, L. F. Parcerias e práticas sexuais de jovens homossexuais no Rio de Janeiro. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, Sup. 2, S223-S232, 2003.
- _____. Fara Logun: a pesquisa formativa e a implementação de um projeto de prevenção para homens jovens com práticas homossexuais no candomblé. In: PAIVA, V.; PUPO, L. R.; SEFFNER, F. (Org.). **Vulnerabilidade e direitos humanos**: prevenção e promoção da saúde – Pluralidade de vozes e inovação de práticas. Curitiba: Juruá, v. 1, 2012. p. 183-224.
- _____. “Paizões”, “filhotes” e a “simbiose do amor”: regulações de gênero entre homens frequentadores da comunidade dos ursos no Recife. **Etnográfica**, Lisboa, v. 22, n. 2, p. 281-302, jun. 2018.
- RIOS, L. F. et al. “Foi como se a gente tivesse visto a morte”: estigmatização, sofrimento psíquico e homossexualidade. **Laplace em Revista**, v. 4, p. 140-158, jan./abr. 2018.
- RIOS, L. F.; QUADROS, M. T. Gênero, sexualidade e reprodução no curso de vida de mulheres jovens da Região Metropolitana do Recife. **Contemporânea** (online), v. 9, p. 465-491, mai./ago. 2019.
- SAFFIOTI, H. I. B. Violência de Gênero no Brasil Atual. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 443-461, jan. 1994. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16177>>. Acesso em: 26 abr. 2019.
- SAMPAIO, J. V.; MEDRADO, B.; MENEZES, J. A. Consulte o seu médico: hormônios e medicalização da sexualidade. **Physis**, v. 30, n. 1, e300104, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0103-73312020300104>>. Acesso em: 08 fev. 2021.

- SILVA, L. A. V. A cibersexualidade e a pesquisa online: algumas reflexões sobre o conceito de barebacking. **Interface**, Botucatu, v. 14, n. 34, p. 513-528, set. 2010.
- SILVA, M. J.; PAIVA, A. C. S.; COSTA, I. M. M. A vagina pós-orgânica: intervenções e saberes sobre o corpo feminino acerca do “embelezamento íntimo”. **Horizontes Antropológicos**, v. 23, n. 47, p. 259-281, jan./abr. 2017.
- TIRIBA, T. H. Sugar relationships: sexo, afeto e consumo na África do Sul e no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 3, e66921, nov. 2019. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n366921>>. Acesso em: 08 fev. 2021.
- VENCATO, A. P. Entre “reais” e “virtuais”: noções sobre risco e verdade em um clube brasileiro para crossdressers. **Cadernos Pagu**, n. 44, p. 367-390, jan./jun. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1809-4449201500440367>>. Acesso em: 08 fev. 2021.
- VIEIRA, S. “**Nem santa, nem puta**”: performances de gênero e sexualidade em mulheres praticantes de swing. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.
- WAHBA, L. L.; SIMAO, J. B. Sexo casual: motivações, atitudes e comportamentos de homens e mulheres heterossexuais adultos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, e213871, out./dez. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003213871>>. Acesso em: 08 fev. 2021.
- ZAGO, L. F. “Armários de vidro” e “corpos-sem-cabeça” na biossociabilidade gay online. **Interface**, Botucatu, v. 17, n. 45, p. 419-432, jun. 2013. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/3327>>. Acesso em: 07 fev. 2021.

RESUMO O artigo reflete sobre as experiências sexuais de jovens de uma escola do Recife (PE), considerando a agência das novas tecnologias da informação e comunicação. É um ensaio etnográfico realizado por meio de observação participante na escola, nas redes sociais na internet e através de rodas de conversa. O smartphone e as redes sociais online são importantes agentes na construção de significados e práticas sexuais. Seguidores/as, crushes, namorados/as, ficantes e assediadores são personagens de roteiros eróticos que povoam interações afetivo-sexuais nos perfis do Facebook e Instagram. Os perfis são expressões online do si mesmo e são produzidos cuidadosamente, de modo a receber curtidas e comentários, expressões de que se é desejado/a. Curtidas, conversas e afinidades são elementos importantes para a emergência do sexo a distância online, que vai ocorrer no privado das redes, em especial no Messenger e no WhatsApp.

Palavras-chave: sexualidade, ciberespaço, juventude, *internet*, celular.

**Celulares, perfiles y la dimensión online de la existencia:
una etnografía sobre las experiencias sexuales de jóvenes en una escuela pública de Recife**

RESUMEN El artículo reflexiona sobre las vivencias sexuales de los jóvenes en una escuela de Recife (PE), considerando la agencia de las nuevas tecnologías de la información y la comunicación. Es un ensayo etnográfico realizado a través de la observación participante en la escuela y en las redes sociales en internet, y también a través de círculos de conversación. El smartphone y las redes sociales online son agentes importantes en la construcción de significados y prácticas sexuales. Seguidores, enamoramientos, novios, prostitutas y acosadores son personajes de guiones eróticos que pueblan las interacciones afectivo-sexuales en los perfiles de Facebook e Instagram. Los perfiles son expresiones en línea de uno mismo y están cuidadosamente elaborados para recibir me gusta y comentarios, expresiones de lo que se desea. Los gustos, las conversaciones y las afinidades son elementos importantes para el surgimiento del sexo a distancia en línea, que tendrá lugar en redes privadas, especialmente en Messenger y WhatsApp.

Palabras clave: sexualidad, ciberespacio, juventud, *internet*, celular.

**Cell phones, profiles and the online dimension of existence:
an ethnography on the sexual experiences of young people in a public school in Recife**

ABSTRACT The article reflects on the sexual experiences of young people from a school in Recife (PE), considering the agency of new information and communication technologies. It is an ethnographic essay carried out through participant observation at school and on social networks on the internet, and also through conversation circles. The smartphone and online social networks are important agents in the construction of meaning and sexual practices. Followers, crushes, boyfriends/girlfriends, hang outs and harassers are characters from erotic scripts that populate affective-sexual interactions on Facebook and Instagram profiles. Profiles are online expressions of the self and are created carefully, in order to get likes and comments, expressions that one is desired. Likes, conversations and common interests are important elements for the emergence of online distance sex, which would take place in private networks, especially in Messenger and WhatsApp.

Keywords: sexuality, cyberspace, youth, *internet*, cell phone.

DATA DE RECEBIMENTO: 15/10/2021

DATA DE APROVAÇÃO: 17/06/2022



Tacinara Nogueira de Queiroz

Professora Adjunta A da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil. Possui experiência na área da Psicologia Clínica, Processos Psicossociais e Saúde, pesquisando temas como Infância, Juventude, Sexualidade, Subjetividade e Tecnologias da Informação e Comunicação.

E-mail: tacinq@hotmail.com



Luis Felipe Rios

Professor Titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, Brasil, onde coordena o Laboratório de Estudos da Sexualidade Humana (LabEshu). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.